

“Ele tá na dela e ela tá na dele”: análise preliminar da construção oracional complexa [[Suj_{sing}]+[Estar_(flex)]+[na [Poss_{sing}]]] em *tweets*

“He’s on her own and she’s on his own”: preliminary analysis of the complex sentence construction [[Suj_{sing}]+[Estar_(flex)]+[na [Poss_{sing}]]] in tweets

Iesa Venturin Mulinari de Rodran¹

Amanda Heiderich Marchon²

RESUMO: Com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), propõe-se uma análise preliminar da construção formalizada como [[Suj_{sing}]+[Estar_(flex)]+[na[Poss_{sing}]]] e instanciada por construtos como “eu tô na minha”. A LFCU concebe as construções linguísticas como pareamento de forma e função e recorre aos processos cognitivos de domínio geral (Bybee, 2016 [2010]), argumentando que a língua se molda cognitivamente e a partir da experiência de uso dos indivíduos. Neste trabalho, são analisados *tweets* da rede social *Bluesky*. Constatou-se, principalmente, que a mudança de sentido entre os dois subesquemas estabelecidos ocorre a partir da coreferencialidade entre o sujeito e o pronome possessivo, e à neoanálise do SPrep [na[Poss]] pela ausência de núcleo em seu SN interno.

PALAVRAS-CHAVE: funcionalismo; cognitivismo; construção; tweet.

ABSTRACT: Based on Usage-Centered Functional Linguistics (UCFL), we propose a preliminary analysis of the construction formalized as [[Suj_{sing}]+[Estar_(flex)]+[na[Poss_{sing}]]] and instantiated by constructs such as “eu tô na minha”. UCFL conceives linguistic constructions as pairings of form and function and draws on domain-general cognitive processes (Bybee, 2016 [2010]), arguing that language is shaped cognitively and based on individuals' experience of use. In this work, tweets from the Bluesky social network are analyzed. It was found, mainly, that the change in meaning between the two established subschemas occurs from the coreferentiality between the subject and the possessive pronoun, and from the neoanalysis of the Prepositional Phrase [na[Poss]] due to the absence of a nucleus in its internal NP.

KEYWORDS: functionalism; cognitivism; construction; tweet.

1 Introdução

A abordagem teórico-metodológica da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU) se apresenta como uma vertente mais recente do polo

¹ Professora na Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (Sedu/ES), mestre pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), com bolsa CAPES. E-mail: iesavmr@gmail.com. ORCID: 0009-0006-8619-5081.

² Professora na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: amandahch.letas@gmail.com. ORCID: 0000-0002-6576-949X.

funcionalista dos estudos da linguagem. A LFCU procura observar a língua em uso, conjugando Funcionalismo, Cognitivismo e Gramática de Construções, e estabelece como objeto principal de estudo as construções linguísticas, concebidas como pareamento de forma e função, ou seja, essas construções são analisadas holisticamente a partir da consideração simultânea tanto de seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos, quanto semânticos, discursivos e pragmáticos (Croft, 2001). Para explicar os mecanismos subjacentes às mudanças e às permanências na gramática, manifestadas no surgimento, desaparecimento e mudanças nas construções, a teoria recorre aos processos cognitivos de domínio geral, como *chunking*, memória enriquecida, analogia, categorização, entre outros (Bybee, 2016 [2010]), argumentando que a estrutura linguística se molda cognitivamente e a partir da experiência dos indivíduos com o uso da língua.

Com base nessa perspectiva, o presente trabalho propõe uma análise preliminar da configuração oracional formalizada como $[[\text{Su}_{\text{sing}}] + [\text{Estar}_{(\text{flex})}] + [\text{na}[\text{Poss}_{\text{sing}}]]]$ enquanto uma construção linguística, por meio de textos do gênero digital *tweet*, como evidenciado na figura 1, em “tô na sua”.

Figura 1 - Exemplo de construto correspondente à microconstrução “tô na sua”



Fonte: BlueSky (2024)

Essa disposição de elementos é percebida como uma construção linguística na medida em que mostra pareamento entre sua forma e seu sentido, o que se expressa pelo estabelecimento de sentidos diferentes para a construção a partir da presença ou ausência de correferencialidade entre o sujeito e o pronome possessivo. Além disso, pretende-se observar o comportamento do SPrep, que apresenta a configuração não convencional $[\text{na}[\text{Poss}]]$, sem núcleo do SN interno.

Para a análise, foram selecionados 547 *tweets* atestados na rede social

BlueSky.³ Por serem relativamente recentes, as práticas comunicativas digitais provocam o surgimento de novos gêneros, que, por sua vez, levam algum tempo para serem caracterizados oficialmente por estudiosos. Marcuschi (2008) caracteriza, de forma geral, a comunicação em meios digitais destacando a dinamicidade, o caráter participativo da interação e o uso intenso da modalidade escrita, porém com características que a aproximam da oralidade e da interação face a face. Nesse contexto, insere-se o gênero *tweet*. Como discutem Freitas e Barth (2015, p.25), o *tweet*, por possuir características de composição, conteúdo temático e estilo próprios, já pode ser considerado como um gênero textual e não como um suporte para outros gêneros, visto que “[...] há uma diversidade de temas e estilos, porém o formato dos 140 caracteres e as particularidades da veiculação de uma mensagem do *Twitter* demonstram que estamos diante de um gênero e não de um suporte.”

Além disso, apesar de o gênero ter se originado na rede social *Twitter* — renomeado para “X” — e inclusive fazer referência a sua origem no próprio nome, o *tweet* não está mais restrito a essa rede social. Depende, entretanto, da dinâmica de interação originada no *Twitter*, que se caracteriza pela interação pública, em textos curtos, com recursos como a possibilidade de resposta e reprodução do texto publicado (*retweet*), utilização de imagens e vídeos junto ao material verbal, veiculando “conteúdo diverso, que engloba, de modo geral, informações e comentários sobre eventos de interesse público, conversações em torno de assuntos privados, comentários relacionados ao cotidiano dos usuários, dentre outros.” (Barros; Costa, 2013, p. 100). Tendo tudo isso em vista, o gênero *tweet* mostra-se produtivo para a descrição linguística, uma vez que veicula usos linguísticos, muitas vezes inovadores e compartilhados por uma grande comunidade de interlocutores virtuais.

2 Aporte teórico

As abordagens funcionalistas da gramática são diversas, mas se unem no mesmo polo dos estudos linguísticos na medida em que procuram entender o

³ O *Bluesky* apresenta o mesmo formato do *Twitter* — cujo nome agora é X. Utilizamos essa rede social em razão da suspensão do funcionamento do X no Brasil à época da coleta dos dados, dias 21 e 22 de setembro de 2024.

funcionamento das línguas por meio do que acontece em seu uso, opondo-se, assim, às abordagens formalistas. A visão funcionalista pode ser ilustrada por meio da analogia feita por Bybee (2016 [2010]) comparando o sistema linguístico a dunas de areia, em que a matéria se mantém inalterada, enquanto o formato varia. O Funcionalismo concebe a gramática como um sistema emergente, que está sempre mudando, já que está sempre sofrendo pressões do uso. Essas pressões surgem no âmbito do discurso, na busca por expressividade (Rosário, 2022), incorporando-se ao sistema linguístico, aos poucos, por diversos processos. No entanto, os movimentos da gramática não comprometem sua sistematicidade, de maneira que, subjacentes às mudanças, existem padrões estruturais. Nesse contexto teórico, a LFCU se apresenta como uma vertente mais recente do funcionalismo que traz importantes contribuições para a descrição das línguas.

O Funcionalismo Clássico, desenvolvido a partir da década de 1970 nos Estados Unidos, buscava entender a correlação entre forma e função na língua, principalmente por meio do processo de gramaticalização, definido como a aquisição gradual de funcionalidade mais gramatical por um item que tinha função mais lexical. Entretanto, o foco no plano do sentido recaía mais em aspectos semânticos do que de fato contextuais. Os estudos desse período

[...] se dedicam à detecção de trajetórias históricas de categorias em perspectiva mais atômica, preocupados especificamente com propriedades de forma ou de sentido caracterizadoras das referidas categorias. Na mudança por gramaticalização, o foco reside no levantamento de marcas redutoras, seja em termos funcionais, como os fenômenos de abstratização e polissemia que caracterizam a derivação categorial, seja em termos formais, na pesquisa da erosão, da perda de estrutura resultante do desgaste pelo uso. Nessas décadas iniciais, ainda que se faça referência à importância de aspectos contextuais na mudança por gramaticalização, tal menção não é acompanhada por maior rigor ou critério, no sentido de que se definam e especifiquem, de fato, as propriedades do contexto em que determinado item é usado e seu papel em relação aos aspectos de sentido e forma. (Rosário; Oliveira, 2016, p. 235)

Com a LFCU, a unidade de análise deixa de ser atômica e passa a ser holística. Daí surge o conceito de construção como pareamento de forma e função nos três aspectos constituintes de cada uma dessas dimensões de uma configuração linguística: no plano da forma, o fonológico, o morfológico e o sintático, e no plano da função, o semântico, o discursivo e o pragmático. A

concepção de língua adotada por essa vertente teórica é a de um inventário de construções armazenadas na mente do falante e relacionadas em redes (Hilpert, 2021; Rosário, 2022).

A internalização das construções na mente do falante vai se dar por meio de uma série de processos cognitivos de domínio geral, ou seja, mecanismos que se aplicam a diversos outros domínios cognitivos além do domínio da linguagem. À medida que a língua vai sendo usada, as informações contextuais associadas a cada construção, a frequência com que ela é utilizada com determinado sentido e as analogias com construções já existentes vão moldando a gramática, provocando o surgimento de construções novas, mudanças em construções já existentes e desaparecimento de outras. Dessa forma, como postula Bybee (2016 [2010], p. 18), a língua pode ser considerada como um sistema adaptativo complexo, uma vez que “é vista como um produto emergente da aplicação repetida de processos que lhes são subjacentes, e não como um dado *a priori* ou como resultado de planejamento [...]”.⁴ Essa visão cognitivista é mais uma inovação da LFCU. Pensar as mudanças e a variabilidade das línguas como derivadas de processos cognitivos de domínio geral nos permite observar também translinguisticamente os movimentos da gramática, já que os processos cognitivos são comuns aos seres humanos, e, dessa forma, chegar mais perto de compreender a natureza das línguas naturais. Como afirma Bybee (2016 [2010], p. 34), “o interesse na interação do uso com o processo nos permite investigar como as construções surgem e mudam e, de fato, formular e fornecer algumas respostas para a questão sobre de onde vem a gramática.”

Para a análise preliminar a ser empreendida neste trabalho, alguns conceitos da LFCU são de fundamental mobilização. Primeiramente, três são as propriedades das construções: a esquematicidade, a composicionalidade e a produtividade.

A esquematicidade refere-se a um *continuum* de abstração ou generalidade de uma construção (Rosário; Oliveira, 2016). Quanto mais esquemática for uma construção, mais abstratas e mais gerais são as categorias

⁴No original: “[...] linguistic structure is viewed as emergent from the repeated application of underlying processes, rather than given a priori or by design [...]” (Bybee, 2010, p. 2).

em seus *slots*.⁵ A esquematicidade pode ser representada em uma hierarquia construcional, cujos níveis, de acordo com Traugott e Trousdale (2021 [2013]), são: esquema, subesquema e microconstrução. O esquema é o nível mais alto da hierarquia, o mais abstrato, com mais possibilidades de preenchimento de *slots*; o subesquema está em um nível intermediário, apresentando mais algumas especificações para o preenchimento dos *slots*; já a microconstrução se apresenta com os *slots* já preenchidos, sendo a sua realização empírica no uso chamada de construto. Exemplificando esses conceitos com os dados desta pesquisa, o esquema da construção é $[[\text{Suj}_{\text{sing}}] + [\text{Estar}_{(\text{flex})}] + [\text{na}[\text{Poss}_{\text{Sing}}]]]$, ou seja, um sujeito singular, com o verbo *estar* flexionado, junto a um SPrep composto por *na* e um pronome possessivo também singular, assim como o sujeito. Como um dos dois subesquemas analisados, temos a construção $[[\text{Suj}_{\text{sing}}] + [\text{Estar}_{(\text{flex/contr.})}] + [\text{na} [\text{Poss}]\text{Corref.}]]$ (estado de tranquilidade), composta por um sujeito singular, o verbo *estar* flexionado e contraído, o mesmo SPrep do esquema, porém com o pronome possessivo apresentando correferencialidade em relação ao sujeito, o que confere sentido de “estado de tranquilidade”. A partir disso, temos as microconstruções “eu tô na minha”, “você tá na sua” e “ele tá na dele”, ou “ela tá na dela” — no caso da 3ª pessoa, apenas se o referente do sujeito e do pronome possessivo for o mesmo. Um exemplo empírico de uma dessas microconstruções é observada no construto a seguir:

Figura 2 - Exemplo de construto correspondente à microconstrução “tô na minha”



Fonte: Bluesky (2024)

A composicionalidade diz respeito ao grau de identificação da contribuição das partes ao sentido do todo. Em outras palavras, “[...] é uma medida semântica e se refere ao grau de previsibilidade do sentido do todo a partir das partes que o

⁵ Na definição formulada por Oliveira (2019, p. 469), “*slots* são subpartes abertas de uma construção, passíveis de serem preenchidas e instanciadas por distintos constituintes.”.

compõem.”⁶ (Langacker, 1987 *apud* Bybee, 2016 [2010], p. 79). A produtividade se relaciona à capacidade de uma determinada construção gerar outras construções. Esse fator é medido por meio da frequência *type*, ou frequência de tipo: quanto mais tipos diferentes for possível formar a partir de uma construção, maior é sua produtividade. Além da frequência *type*, há a frequência *token* ou frequência de ocorrência, que indica o quão presente no uso é uma construção. Uma alta frequência *token* revela rotinização e automatização do uso de uma construção (Traugott; Trousdale, 2021 [2013]), ou seja, que ela tem uma forte representação da mente dos falantes.

Para a caracterização das construções, Traugott e Trousdale (2021 [2013]) propõem ainda mais três categorias gradientes, a saber: grau de especificidade fonológica, tamanho, e tipo de conceito. O grau de especificidade fonológica indica em que medida a construção é cristalizada ou não, em que medida seus componentes são os mesmos. Pode ser substantivo, esquemático ou intermediário. O tamanho diz respeito à possibilidade de se analisar a construção, separar suas partes constituintes e identificá-las. Pode ser atômico, complexo ou intermediário. E o tipo de conceito refere-se ao caráter mais lexical, referencial, ou gramatical, procedural, da construção. Pode ser lexical, procedural ou intermediária. Neste trabalho, faremos uma caracterização preliminar da construção em tela de acordo com esses três aspectos estabelecidos por Traugott e Trousdale (2021 [2013]).

Para estudar uma construção, pode-se adotar tanto uma perspectiva diacrônica quanto sincrônica. Em um estudo diacrônico na abordagem construcionista da gramática é observado o processo de construcionalização, de fixação gradual de uma construção na língua. Por outro lado, em uma visão sincrônica, descreve-se a construcionalidade, ou seja, a gradiência nas funcionalidades exercidas por uma mesma construção em um recorte temporal. Como corrobora Rosário (2022, p. 245), “[...] pelo viés sincrônico, a variação é pesquisada em termos de gradiência dos estágios de gramaticalidade e, portanto, pode ser investigada pela construcionalidade.” Assim, construcionalidade e gradiência são abordagens sincrônicas da construcionalização e da gradualidade,

⁶ No original: “Compositionality is a semantic measure and refers to the degree of predictability of the meaning of the whole from the meaning of the component parts (Langacker, 1987).” (Bybee, 2010, p. 45).

respectivamente. Neste trabalho, adotamos a perspectiva sincrônica, observando a gradiência nas funções de cada elemento da construção, em direção a uma maior interconexão entre esses elementos e a uma maior abstração das suas funções.

Um processo linguístico muito importante no estabelecimento de uma nova construção é a neoanálise (Traugott; Trousdale, 2021 [2013]), que acontece quando, após passar por processos cognitivos como metonimização, metaforização e, principalmente, analogia, a construção linguística é analisada novamente, comumente se deslocando de uma categoria da gramática para outra, ou se tornando menos prototípica de sua categoria anterior — processo cognitivo chamado de recategorização. Conforme apontado por Rosário (2022, p. 108) a partir de Traugott e Dasher (2002), “enquanto a metáfora envolve similaridade conceitual e relações icônicas, a metonímia focaliza relações de contiguidade e associações sintagmáticas.”. Já a analogização refere-se à produção de novas construções a partir da associação com regras já existentes na língua (Traugott e Trousdale, 2021 [2013]; Bybee, 2016 [2010]). No caso da construção em questão, acontecem neoanálise e recategorização do verbo *estar*, ao ter enfraquecido seu sentido circunstancial e fortalecido seu sentido copulativo, de verbo de ligação.

Outro processo cognitivo importante é o de *chunking*, que ocorre quando uma sequência de elementos é usada com muita frequência, passando a constituir uma construção que passa a ser processada como uma única unidade. Sobre *chunking* e construções, Bybee afirma que

construções são chunks linguísticos sequenciais convencionalmente usados juntos e que, às vezes têm significados especiais ou outras propriedades. Sua convencionalização acontece por meio de repetição (Hayman, 1994). Tipicamente, construções são parcialmente esquemáticas; elas vêm com algumas partes fixas e algumas posições que podem ser preenchidas com uma categoria de itens semanticamente definidos. (Bybee, 2016 [2010], p. 68)⁷

É justamente o que acontece na construção em análise. Mais adiante,

⁷No original: “[...] constructions are sequential chunks of language that are conventionally used together and that sometimes have special meanings or other properties. Their conventionalization comes about through repetition (Hayman 1994). Constructions are typically partially schematic; they come with some fixed parts and some slots that can be filled with a category of semantically defined items” (Bybee, 2010, p. 36).

veremos o processo de *chunking* que ocorre no SPrep e também veremos que alguns dos *slots* da construção são mais abertos e outros são mais fixos, sendo que os mais abertos têm categorias de preenchimento pré-definidas.

Por fim, temos o conceito de mudança construcional, definida por Traugott e Trousdale (2021 [2013]) como

[...] uma mudança que afeta uma dimensão interna de uma construção. Ela não envolve a criação de um novo nó⁸. [...] Não podemos dizer que ocorreu construcionalização até que mudanças morfossintáticas, assim como semânticas, apareçam no registro textual.⁹ (Traugott; Trousdale, 2021 [2013], p. 65)

Em outras palavras, uma mudança construcional é a que acontece apenas no plano da forma ou apenas no plano do sentido, não resultando em uma nova construção, isso porque “como as construções emparelham forma e significado, a gramática não contém módulos para a sintaxe separados da semântica, nem opera com histórias derivacionais de formas de superfície” (Bybee, 2021 [2010], p. 29).

Em nossos dados, diversas foram as mudanças construcionais identificadas: a possibilidade de realização fonética contraída ou estendida do verbo *estar* (“tô” vs “estou”); a presença ou não de sujeito explícito (“tô na minha” vs “eu tô na minha”); a variação de tempo e modo verbal; e a variação na 2ª pessoa entre os pronomes *tu* e *você*, e, em consequência, dos pronomes possessivos *tua* e *sua*, são alguns exemplos. Neste trabalho, não contemplamos todas as possibilidades de realização das construções considerando as mudanças construcionais mencionadas. Em vez disso, operamos um recorte, cujos detalhes metodológicos são descritos na próxima seção.

3 Procedimentos metodológicos

Neste trabalho, adota-se uma perspectiva sincrônica, ou seja, localizada em um momento determinado do tempo. Assim, o foco principal é a observação

⁸ A noção de nó refere-se a uma visão da construção situada em uma rede de construções. A afirmação diz respeito, basicamente, ao não surgimento de uma construção em sua completude.

⁹ No original: “[...] a change affecting one internal dimension of a construction. It does not involve the creation of a new node. [...] We cannot tell that constructionalization has occurred until morphosyntactic changes appear in the textual record as well as semantic ones.” (Traugott; Trousdale, 2013, p. 26)

da construcionalidade, manifestada pela gradiência da construção linguística, ou seja, a variedade de funcionalidades para uma forma linguística (Rosário; Lopes, 2023), neste caso, a construção $[[\text{Suj}_{\text{sing}}] + [\text{Estar}_{(\text{flex})}] + [\text{na}[\text{Poss}_{\text{sing}}]]]$. Para isso, foi empregado o método quali-quantitativo de análise, que combina uma interpretação individualizada dos construtos com a quantificação das frequências de uso de cada um. A parte qualitativa da análise leva em conta os aspectos formais (fonológicos, morfológicos e sintáticos) e funcionais (semânticos, pragmáticos e discursivo-funcionais) de cada ocorrência coletada. A parte quantitativa envolve a contabilização da frequência *type*, ou frequência de tipo, que se refere à quantidade de tipos de uma determinada construção, indicando sua produtividade; e da frequência *token*, ou frequência de uso, que indica a quantidade de ocorrências de determinada construção dentre os dados coletados.

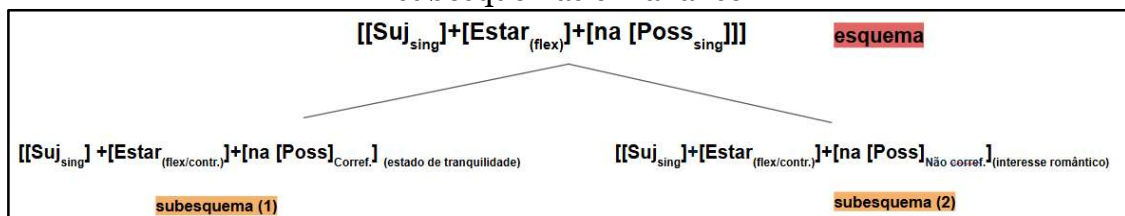
A construção em questão é fruto de um recorte da construção mais esquemática $[[\text{Suj}] + [\text{V}_{(\text{flex})}] + [\text{na} [\text{Poss}]]]$, que, por apresentar três *slots* abertos com vaga especificação morfossintática, apresenta diversidade muito ampla de possibilidades de preenchimento de cada um. Porém, mesmo dentro da construção menos esquemática que vamos analisar, existem possibilidades de variação formal ou semântica, ou seja, mudanças construcionais. Entretanto, devido a restrições de tempo e espaço, essas mudanças construcionais não serão consideradas para fins de análise.

Assim, para a busca dos dados, optou-se por considerar apenas o sujeito singular, o verbo “estar” flexionado e o pronome possessivo também singular. Além disso, no plano da forma, o verbo *estar* foi considerado apenas em suas formas contraídas de presente do indicativo para as três pessoas do discurso no singular: *tô* e *tá*, pois essa variação na realização fonética do verbo não gera outra construção, já que não interfere no sentido. Ademais, no contexto da comunicação por *tweets*, pressupôs-se que a forma contraída seria a mais utilizada. Ainda no plano da forma, as microconstruções com sujeito de 1ª pessoa foram as únicas em que a busca foi feita com o sujeito implícito, já que sua forma verbal é única; enquanto a 2ª e a 3ª pessoas precisaram do sujeito explícito e pronominal, já que compartilham da mesma forma verbal. Vale citar também a opção pelo pronome *você* como pronome de 2ª pessoa discursiva em lugar de *tu* e, conseqüentemente, do pronome possessivo *sua* em lugar de *tua*. Vale notar

que os pronomes possessivos nessas construções estão sempre no feminino.

Como resultado desse recorte, estabeleceu-se a construção $[[\text{Suj}_{\text{sing}}] + [\text{Estar}_{(\text{flex})}] + [\text{na} [\text{Poss}_{\text{sing}}]]]$, que ocupa a posição mais esquemática na hierarquia construcional representada na Figura 3, a partir da qual foram gerados os dois subesquemas, as construções menos abstratas e mais delimitadas da hierarquia. Esses dois subesquemas são os que apresentam mais claramente o pareamento entre forma e função já discutido. Dependendo da presença ou ausência de correferencialidade entre o sujeito e o pronome possessivo — plano da forma —, dois sentidos diferentes surgem — plano da função. Há, portanto, duas construções diferentes:

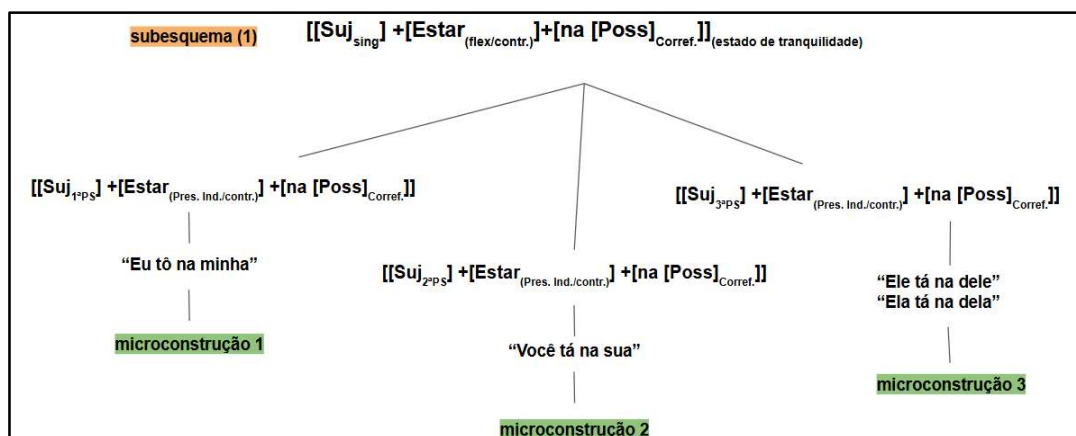
Figura 3 - Hierarquia construcional representando o esquema e os subesquemas em análise



Fonte: elaborado pela autora.

No subesquema 1 (total de 137 dados), a correferencialidade, juntamente ao contexto discursivo-pragmático da realização da construção, compõe uma expressão de tranquilidade do sujeito, como em “eu tô na minha”. Esse subesquema gera três microconstruções, uma para cada pessoa do discurso do singular, como se observa na Figura 4:

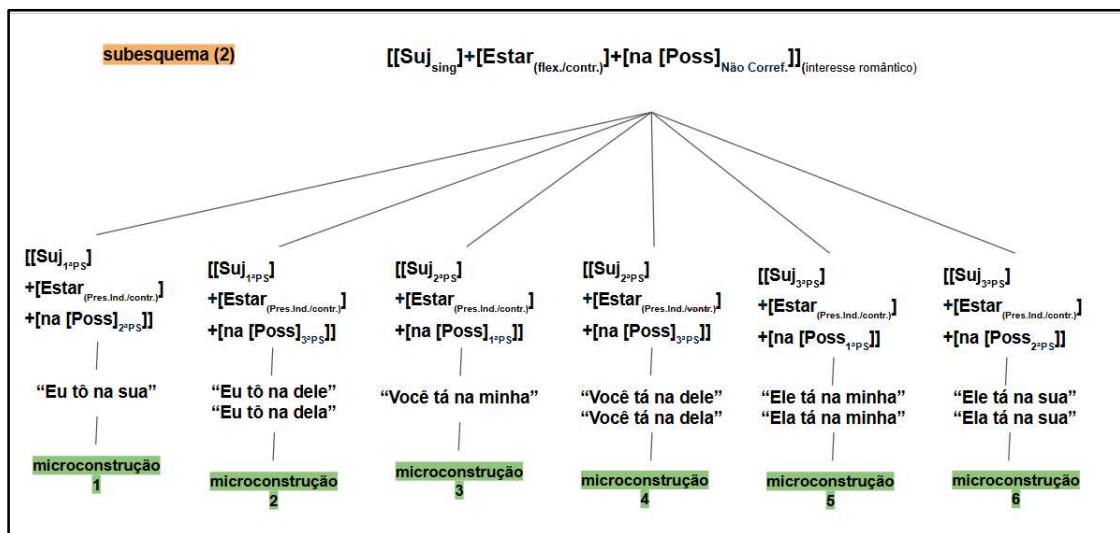
Figura 4 - Hierarquia construcional representando o subesquema 1 e suas microconstruções



Fonte: elaborado pela autora.

Já no subesquema 2 (total de 410 dados), a não correferencialidade, juntamente ao contexto discursivo-pragmático da realização da construção, compõe uma expressão de interesse romântico do sujeito para com a pessoa a quem o pronome possessivo se refere, como em “eu tô na sua”. Esse subesquema gera seis microconstruções, uma para cada combinação não correferente possível entre pessoa do discurso do sujeito e pessoa do discurso do pronome possessivo, como se observa na Figura 5.¹⁰

Figura 5 - Hierarquia construcional representando o subesquema 2 e suas microconstruções



Fonte: elaborado pela autora.

Com as microconstruções a serem analisadas já identificadas, foi possível fazer a busca por seus construtos. As ocorrências da construção em análise foram retiradas de textos do gênero textual *tweet*, extraídos da rede social *Bluesky*, nos dias 21 e 22 de setembro de 2024. Foram coletados 547 dados no total, sendo 137 referentes ao subesquema 1 e 410, ao subesquema 2. Para obtê-los, foi feita uma busca para cada microconstrução — ou seja, nove buscas ao todo — em que se inseriu, na barra de pesquisa do *Bluesky*, a construção entre aspas (como em “tô na minha”), a fim de que os resultados mostrassem principalmente *tweets* com a forma prototípica da construção. Em cada busca, foram feitas capturas de tela dos

¹⁰ Os dois subesquemas e suas respectivas microconstruções serão exemplificados e mais detalhadamente descritos na seção de análise dos dados.

primeiros 100 *tweets* da aba *Latest*, que mostra os *tweets* em ordem cronológica a partir dos últimos publicados. Nem todas as buscas apresentaram tantos resultados e, nesses casos, a coleta foi feita até o número máximo. As capturas de tela foram armazenadas em pastas do computador, nomeadas de acordo com a microconstrução pesquisada. Em seguida, foram procurados e separados os *tweets* em que o SPrep [na[Poss]] não apresentasse núcleo em seu SN interior, nem mesmo anaforicamente, visto que essa é uma característica essencial da construção em questão.

No processo de análise, a primeira etapa executada foi a qualitativa. Depois da separação dos dados com SPrep [na[Poss]] sem núcleo no SN, foi empreendida a análise pragmático-discursiva de cada *tweet* separado para a conferência dos sentidos veiculados pelas construções. Os *tweets* em que a construção apareceu isolada, sem cotexto, foram quase sempre respostas a outro *tweet*. Nesses casos, tomou-se o cuidado de conferir a sequência de respostas a fim de garantir que o sentido veiculado no *tweet* fosse correspondente aos estabelecidos para cada um dos dois subesquemas. Posteriormente, foi empreendida uma análise quantitativa para a observação das frequências *token* e *type*, visando a apreensão as diferenças na frequência de uso e na produtividade de cada construção. A análise quali-quantitativa dos dados é detalhada na próxima seção.

4 Análise quali-quantitativa da construção

Foi possível constatar que, de fato, o sentido da construção [[Suj_{sing}]+[Estar_(flex)]+[na[Poss_{sing}]]] se deve, ao mesmo tempo, à relação que se dá entre a pessoa do sujeito e a pessoa do pronome possessivo, e à neoanálise do SPrep [na[Poss]] devido à ausência de núcleo no SN. Os construtos mostraram correspondência de sentido ao seu respectivo subesquema.

Portanto, a caracterização qualitativa geral dos dois subsquemas pode ser estabelecida da seguinte maneira:

- Subesquema 1: [[Suj_{sing} +[Estar_(flex/contr.)]+[na [Poss]Corref.]] (estado de tranquilidade)

- Plano da forma: A pessoa do discurso do sujeito coincide com a pessoa do discurso do pronome possessivo (presença de correferencialidade).
- Plano do sentido: expressa distanciamento de outros, estado de tranquilidade do sujeito
- Subesquema 2: [[Suj_{sing}]+[Estar_(flex/contr.)]+[na [Poss]Não corref.]](interesse romântico) Plano da forma: A pessoa do discurso do sujeito não coincide com a pessoa do discurso do pronome possessivo (ausência de correferencialidade).
- Plano do sentido: expressa interesse romântico por parte do sujeito.

Vejamos alguns exemplos. O *tweet* da Figura 6 corresponde ao subesquema 1, por meio da construção “ele tá na dele”, em que a presença de correferencialidade gera sentido de “estado de tranquilidade”. Por sua vez, o *tweet* da Figura 7, em que não há correferencialidade, indica interesse romântico por meio da construção “ele tá na minha”. Esses sentidos apreendidos por meios desses *tweets*, apesar de construídos também textual e pragmaticamente por meio do entorno linguístico das informações fornecidas, estão essencialmente contidos nas construções em tela.

Figura 6 - Exemplo de construção pertencente ao subesquema 1



Fonte: Bluesky (2024)

Figura 7 - Exemplo de construção pertencente ao subesquema 2



Fonte: Bluesky (2024)

A construcionalidade dessas estruturas é observada na gradiência das funções que desempenham. A gradiência, neste caso, vai abarcar um contínuo que parte de um uso mais concreto e composicional para um mais abstrato e menos composicional. Nas construções em questão, a gradiência é observada na recategorização do verbo “estar” e na perda de composicionalidade do SPrep. Primeiramente, falaremos do SPrep, pois a recategorização do verbo “estar” é uma consequência disso. Pela falta de um núcleo ao qual se referir, o pronome possessivo, junto à locução prepositiva, passa a ter função mais adjetiva que circunstancial. Assim, “na minha”, “na sua”, “na dele” e “na dela” perdem o sentido locativo, circunstancial, que teriam com a presença de núcleo, como nos exemplos abaixo:

Figura 8 - Exemplo com uso do SPrep com núcleo (mais concreto)



Fonte: Bluesky (2024)

Figura 9 - Exemplo com uso do SPrep com núcleo (mais abstrato)



Fonte: Bluesky (2024)

Figura 10 - Exemplo com uso do SPrep sem núcleo (perda de composicionalidade)



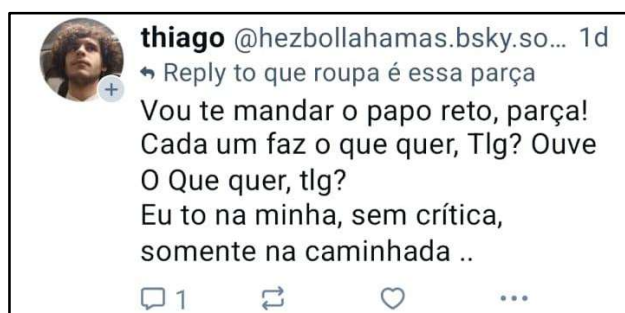
Fonte: Bluesky (2024)

Em “tô na minha casinha” (Figura 8), temos um sentido locativo, mais concreto, enquanto em “eu to na minha fase menos saudável” (Figura 9), a localização é mais temporal que espacial. Entretanto, ambas as Figuras 8 e 9 trazem um SPrep em que o pronome possessivo realmente expressa posse em relação a um núcleo, ou seja, há mais composicionalidade nesses exemplos. Já na Figura 10, “tô na minha” em conjunto expressa um sentido só: o estado de tranquilidade do sujeito. Dessa maneira, por meio do processo de metonímia (quando mudanças no sentido afetam a estrutura linguística) e de *chunking* – devido à contiguidade sintática e repetição sequencial, respectivamente – houve neoanálise do SPrep [na [Poss]]. Também o verbo “estar” sofreu neoanálise, pois deixou de ser prototipicamente verbo transitivo circunstancial, que seria seguido de complemento circunstancial, como nos *tweets* das Figuras 8 e 9, para um sentido mais próximo de um verbo copulativo, de ligação, fazendo a ponte entre o sujeito e algo que o caracteriza, como no *tweet* da Figura 10.

Abaixo, temos alguns dos *tweets* coletados, que exemplificam o uso das construções em análise. Não sendo possível incluir todos neste trabalho, apresentamos um *tweet* para cada microconstrução. As Figuras 11, 12 e 13 são *tweets* que exemplificam as microconstruções do subesquema 1. A Figura 11 é um

exemplo da microconstrução 1: “eu tô na minha”, formalizada como [[Suj^{1ªps}] +[Estar(Pres. Ind./contr.)] +[na [Poss]corref.]](estado de tranquilidade). Neste *tweet*, o usuário utiliza a estrutura “eu tô na minha” como estratégia discursiva para estabelecer um distanciamento de seu interlocutor e deixar claro que não quer que se metam na vida dele.

Figura 11 - Construto da microconstrução 1 do subesquema 1 (correferencialidade de 1ª pessoa)



Fonte: Bluesky (2024)

Na Figura 12, em que está exemplificada a microconstrução 2: “Você tá na sua”, formalizada como [[Suj^{2ªps}] +[Estar(Pres. Ind./contr.)] +[na [Poss]corref.]](estado de tranquilidade), a construção é utilizada pelo usuário em um discurso de defesa de sua interlocutora na argumentação de que ela tem direito de reagir a uma chamada para briga, uma vez que não seria ela a responsável pelo conflito.

Figura 12 - Construto da microconstrução 2 do subesquema 1 (correferencialidade de 2ª pessoa)

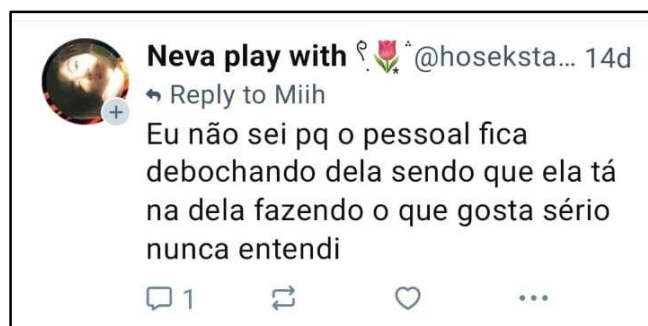


Fonte: Bluesky (2024)

Na Figura 13, está exemplificada a microconstrução 3: “ele tá na dele”/

“ela tá na dela”, formalizada como $[[\text{Suj}_{3^{\text{aps}}}] + [\text{Estar}(\text{Pres. Ind./contr.})] + [\text{na} [\text{Poss}]_{\text{corref.}}]]$ (estado de tranquilidade). Mais uma vez, a construção em análise é usada para veicular uma argumentação em um discurso de defesa, nesse caso, de uma terceira pessoa. O usuário expressa sua dificuldade para compreender o deboche direcionado a alguém que não o provocou, por meio de “ela tá na dela.”

Figura 13 - Construto da microconstrução 3 do subesquema 1 (correferencialidade de 3ª pessoa)



Fonte: Bluesky (2024)

Os próximos *tweets*, Figuras de 14 a 18, são exemplos das microconstruções do subesquema 2. Para a microconstrução 4 desse subesquema, referente à combinação de sujeito de 2ª pessoa e pronome pessoal de 3ª pessoa (você tá na dele/dela), nenhum resultado foi encontrado, provavelmente pelo fato de que o Bluesky é uma rede social que apenas recentemente passou a ser mais utilizada, devido à suspensão do funcionamento do Twitter no Brasil, no período de 30 de agosto a 8 de outubro de 2024.

Na Figura 14, está exemplificada a microconstrução 1: “Eu tô na sua”, formalizada como $[[\text{Suj}_{1^{\text{aPS}}}] + [\text{Estar}(\text{Pres.Ind./contr.})] + [\text{na} [\text{Poss}]_{2^{\text{aPS}}}}]$ (interesse romântico). Neste *tweet*, a usuária se dirige ao interlocutor chamando atenção para sua inércia, uma vez que ele sabe do interesse dela por ele. Por meio de “eu tô na sua”, a usuária deixa explícito esse interesse. Nesse caso, apesar da escassez de informações contextuais, presume-se que esse interesse seja romântico, pois a construção não foi usada com outro sentido em nenhum dos dados analisados do subesquema 2. Parece ter, portanto, essa carga de sentido já bem consolidada.

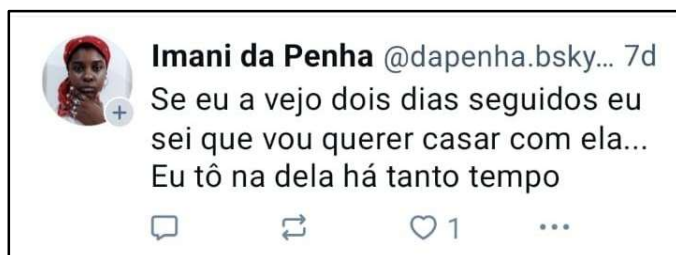
Figura 14 - Construto da microconstrução 1 do subesquema 2 (não correferencialidade de 1ª com 2ª pessoa)



Fonte: Bluesky (2024)

A Figura 15 exemplifica a microconstrução 2: “Eu tô na dele/dela”, formalizada como $[[\text{Suj}_1^{\text{aPS}}] + [\text{Estar}(\text{Pres. Ind./contr.})] + [\text{na } [\text{Poss}]_3^{\text{aPS}}]]$ (interesse romântico). Este *tweet* já contém mais pistas para a interpretação da construção. A partir da confissão de que apenas ver determinada pessoa gera vontade de casar com ela, a estrutura “eu tô na dela”, juntamente ao adjunto adverbial “há tanto tempo”, contribui para compor uma situação em que a usuária mantém um interesse romântico em suspenso por essa pessoa.

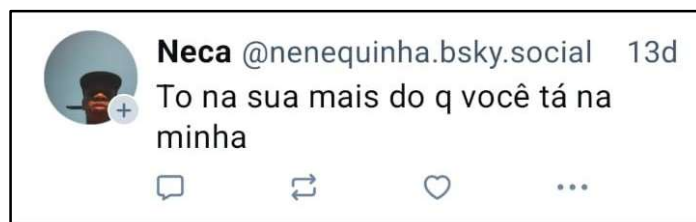
Figura 15 - Construto da microconstrução 2 do subesquema 2 (não correferencialidade de 1ª com 3ª pessoa)



Fonte: Bluesky (2024)

Na Figura 16, está exemplificada a microconstrução 3: “Você tá na minha”, formalizada como $[[\text{Suj}_2^{\text{aPS}}] + [\text{Estar}(\text{Pres. Ind./contr.})] + [\text{na } [\text{Poss}]_1^{\text{aPS}}]]$ (interesse romântico). Essa é mais uma ocorrência que apresenta poucas informações contextuais. No entanto, contém também 2 microconstruções diferentes: “tô na sua”, já ilustrada na Figura 7, e “você tá na minha”, objeto desta descrição. A relação que se estabelece entre as duas construções em um mesmo período com a troca de posição sintática dos referentes acaba contribuindo para a interpretação deste enunciado como uma alfinetada entre duas pessoas que se gostam romanticamente.

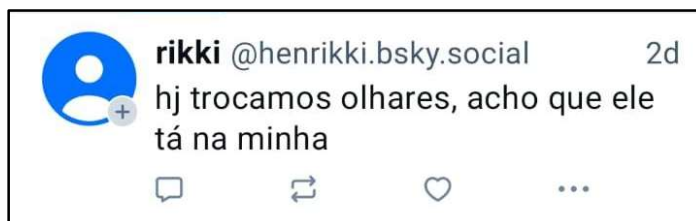
Figura 16 - Construto da microconstrução 3 do subesquema 2 (não correferencialidade de 2ª com 1ª pessoa)



Fonte: Bluesky (2024)

Na Figura 17, está exemplificada a microconstrução 3: “Ele/ela tá na minha”, formalizada como $[[\text{Suj}_{3^{\text{aps}}}]] + [\text{Estar}(\text{Pres. Ind./contr.})] + [\text{na } [\text{Poss}_{1^{\text{ops}}}]]$ (interesse romântico). Nesse *tweet*, fica clara a esperança que o usuário confessa ter de que a terceira pessoa com quem trocou olhares esteja interessada romanticamente nele.

Figura 17 - Construto da microconstrução 5 do subesquema 2 (não correferencialidade de 3ª com 1ª pessoa)



Fonte: Bluesky (2024)

Na Figura 18, está exemplificada a microconstrução 3: “Ele/ela tá na sua”, formalizada como $[[\text{Suj}_{3^{\text{aps}}}]] + [\text{Estar}(\text{Pres. Ind./contr.})] + [\text{na } [\text{Poss}_{2^{\text{aps}}}]]$ (interesse romântico). Nesse *tweet*, novamente, o contexto dá pistas claras de interesse amoroso expresso por “ela tá na sua”. Aqui, o usuário responde a outro opinando sobre como certa pessoa se dirigiu ao interlocutor, com “apelidos carinhosos”, pode significar um flerte por parte dessa pessoa direcionada ao interlocutor do usuário.

Figura 18 - Construto da microconstrução 6 do subesquema 2 (não correferencialidade de 3ª com 2ª pessoa)



Fonte: Bluesky (2024)

A partir da análise, podemos finalmente caracterizar a construção $[[\text{Suj}_{\text{sing}}] + [\text{Estar}_{(\text{flex})}] + [\text{na}[\text{Poss}_{\text{sing}}]]]$ quanto às suas propriedades gradientes gerais: esquematicidade, composicionalidade e produtividade; e também as apontadas por Traugott e Trousdale (2021 [2013]): tamanho, especificidade fonológica e conceptualização. Quanto ao seu tamanho, a construção é classificada como complexa, pois se trata de uma oração, com diversos termos se relacionando sintaticamente. Sua especificidade fonológica é intermediária, pois contém *slots* abertos e *slots* fechados. A conceptualização que apresenta é conteudista, uma vez que expressa um estado do sujeito, exercendo uma função, enquanto construção, mais lexical que procedural.

A esquematicidade da construção está em um nível intermediário, pois, apesar de ser um esquema em relação aos subesquemas, já analisados, 1 e 2, é um subesquema em relação à construção ainda mais esquemática $[[\text{Suj}] + [\text{V}_{(\text{flex})}] + [\text{na} [\text{Poss}]]]$. Possui dois *slots* abertos e dois fixos, e admite elementos intervenientes, como advérbios por exemplo. A construção apresenta perda de composicionalidade no SPrep $[\text{na}[\text{Poss}]]$ em relação à oração com uso original com núcleo em seu SN interno.

Quanto à produtividade, devido ao recorte metodológico operado sobre a construção $[[\text{Suj}_{\text{sing}}] + [\text{Estar}_{(\text{flex})}] + [\text{na}[\text{Poss}_{\text{sing}}]]]$, podemos apenas medir a produtividade dos subesquemas selecionados para a análise, cujos dados são apresentados nos Quadros 1 e 2. Dessa forma, o subesquema 2 se mostrou o mais produtivo, pois possui maior frequência *type*, ou seja, mais microconstruções são

possíveis dentro do subesquema 2.

Quadro 1: Frequência *token* das microconstruções do subesquema 1 (com correferencialidade; sentido de tranquilidade)

Construção	Combinação	Ocorrência da construção/ <i>tweets</i> coletados	
		n/N	%
Microconstrução 1	(1 ^a ps + 1 ^a ps) “Eu tô na minha”	4/100	4
Microconstrução 2	(2 ^a ps + 2 ^a ps) “Você tá na sua”	2/22	9
Microconstrução 3	(3 ^a ps + 3 ^a ps) “Ele tá na dele” “Ela tá na dela”	13/15	87
Total		19/137	13,9

Fonte: elaborado pela autora.

Também o subesquema 2 apresentou a maior frequência *token*, com 22,9%, contra 13,9% do subesquema 1. A construção sem correferencialidade, para expressar interesse romântico, portanto, parece ser mais usada que a correferencial para expressar tranquilidade.

Na dimensão das microconstruções, as maiores frequências *token* se deram na microconstrução 2, do subesquema 2, e na microconstrução 3 do subesquema 1, como mostram os Quadros 1 e 2. Em outras palavras, as microconstruções mais usadas, de acordo com nossos dados, são “Ele tá na dele”/ “Ela tá na dela”, com 87% de frequência de uso, e “Eu tô na dele/dela”, com 100%.

Quadro 2: Frequência *token* das microconstruções do subesquema 2 (sem correferencialidade; sentido de interesse romântico)

Construção	Combinação	Ocorrência da construção/ <i>tweets</i> coletados	
		n/N	%
Microconstrução 1	(1 ^a ps + 2 ^a ps) “Eu tô na sua”	15/100	15

Microconstrução 2	(1 ^a ps + 3 ^a ps) “Eu tô na dele/dela”	37/37	100
Microconstrução 3	(2 ^a ps + 1 ^a ps) “Você tá na minha”	3/100	3
Microconstrução 4	(2 ^a ps + 3 ^a ps) “Você tá na dele/dela”	0/0	0
Microconstrução 5	(3 ^a ps + 1 ^a ps) “Ele/ela tá na minha”	17/100	17
Microconstrução 6	(3 ^a ps + 2 ^a ps) “Ele/ela tá na sua”	22/73	30
Total		94/410	22,9

Fonte: elaborado pela autora.

No entanto, as afirmações que podemos fazer quanto ao significado dessas frequências são, de fato, apenas relativas, pois, como corroboram Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 32) “[...] estabelecer que nível de frequência é suficiente para o armazenamento e fixação do padrão é problemático”.

5 Considerações finais

A partir da análise empreendida, foi possível observar alguns processos cognitivos e linguísticos envolvidos no uso da construção formalizada como [[SUJ_{sing}]+[Estar_(flex)]+[na [POSS_{sing}]]], como *chunking*, neoanálise, analogização, recategorização, metonimização, metaforização. A principal constatação foi a de que a mudança de sentido entre os dois subesquemas ocorre dependendo: (i) da relação que se dá entre a pessoa do sujeito e a pessoa do pronome possessivo; e (ii) à neoanálise do SPrep [na[Poss]] devido à ausência de núcleo. Assim, caso o sujeito e o pronome possessivo sejam correferenciais, o sentido expresso é o de tranquilidade desse sujeito; já quando não há correferencialidade, o sentido passa a ser de interesse romântico do sujeito para com a pessoa do pronome possessivo.

Neste trabalho, a construção em questão foi analisada de maneira preliminar, deixando aberto o caminho para uma descrição mais detalhada e

completa em estudos futuros. A existência de um significado mais abstrato para ser associado ao esquema mais acima (comum às ideias de tranquilidade e interesse romântico ao mesmo tempo), por exemplo, é uma questão a ser analisada. Além disso, nenhum dado de “Você tá na dele/dela” foi encontrado, o que poderia ser diferente com uma maior quantidade de dados. Vale notar, ainda, que fomos obrigados a buscar os dados no *Bluesky*, uma versão menos amplamente utilizada do antigo *Twitter*, agora chamado de *X*, e uma busca nessa rede social talvez fosse mais produtiva.

Destacamos ainda que algumas mudanças construcionais foram observadas como possibilidades, mas não foram analisadas quantitativamente neste trabalho. No plano da forma: a realização fonética do verbo *estar* como contraído ou não, a presença ou não de sujeito explícito, a variação de tempo e modo verbal e a variação na 2ª pessoa entre os pronomes *tu* e *você*, e, em consequência, dos pronomes possessivos *tua* e *sua*. No plano do sentido, a correferencialidade de 3ª pessoa (“Ele tá na dele”/ “Ela tá na dela”) merece atenção. Não basta que ambos, o sujeito e o pronome possessivo, sejam de 3ª pessoa para assumir que se trata do mesmo referente, como acontece com a 1ª e com a 2ª pessoa. Essa confusão acontece quando o sujeito e o pronome possessivo têm o mesmo gênero, pois, em “ele tá na dele” ou em “ela tá na dela”, o referente pode ser o mesmo, ou simplesmente ser diferente, expressando interesse romântico entre pessoas do mesmo gênero. Talvez essa ambiguidade seja desfeita no contexto. Cabe uma investigação mais detalhada.

Referências

BLABLABLA. *eu to na minha fase menos saudável*. 20 set. 2024. Bluesky: @valennm.bsky.social. Disponível em: <https://bsky.app/profile/valennm.bsky.social/post/3l4lyoxvxx22s>. Acesso em: 21 set 2024.

BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, Joan. Uma perspectiva da língua baseada no uso. In: BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010]. p. 17-34.

BYBEE, Joan. Chunking e graus de autonomia. In: BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016, [2010]. p. 63-97.

BARROS, Alana Kercia; COSTA, Maria Helenice Araújo. Oralidade e escrita: o hibridismo no Twitter. *Revista Entrepalavras*, Fortaleza, ano 3, v. 3, n. 1, p. 98-108, jan./jul. 2013.

CROFT, William. *Radical construction grammar*. New York: Oxford University Press, 2001.

FERNANDO, Luiz. *sei lá, só tô na minha. não tô afim de ser incerteza de ninguém!* 20 set. 2024. Bluesky: @luizfernandomf.bsky.social. Disponível em: <https://bsky.app/profile/luizfernandomf.bsky.social/post/3l4muwxrhp2n>. Acesso em: 21 set 2024.

FREITAS, Ernani Cesar; BARTH, Pedro Afonso. Gênero ou suporte? O entrelaçamento de gêneros Twitter. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, Vitória, v. 9, n. 12, p. 8-26, 2015.

HILPERT, Martin. What is Construction Grammar? In: _____ (Org). *Ten Lectures on Diachronic Construction Grammar*. Leiden and Boston: Brill, 2021. Pág. 1-35

JULINHA. *Sei lá, só tô na minha. Não tô afim de ser a incerteza de alguém !!* 20 set. 2024. Bluesky: @jubaroli.bsky.social. Disponível em: <https://bsky.app/profile/jubaroli.bsky.social/post/3l4mubet4n22w>. Acesso em: 21 set 2024.

JURÍDICO EMILY ARMSTRONG, D. *dps desses apelidos carinhosíssimos acho que ela tá na sua!!!*. 03 set. 2024. Bluesky: @d4nid4niel.bsky.social. Disponível em: <https://bsky.app/profile/d4nid4niel.emos.social/post/3l3bxqk44vu2s>. Acesso em: 21 set. 2024.

LICE. *Juro amiga fico impressionada que tem gente que compra briga contigo SENDO QUE VOCÊ TÁ NA SUA apoio muito você bater de frente nada de abaixar a cabeça*. 16 set. 2024. Bluesky: @satoruser.bsky.social. Disponível em: <https://bsky.app/profile/hyunlinos.bsky.social/post/3l4c27wpkml2h>. Acesso em: 21 set 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São paulo, Parábola Editorial, 2008.

MARIA. *ele tá com cara de uc mas ele tá na dele e seria tão bom deixarem ele quieto e não ficar falando merda*. 18 set. 2024. Bluesky: @ittsmariah.bsky.social. Disponível em: <https://bsky.app/profile/ittsmariah.bsky.social/post/3l4gqrq7blh2t>. Acesso em: 21 set 2024.

MIKAA. *vc sabe que eu to na sua, reage querido*. 17 set. 2024. Bluesky: @mikaacruz.bsky.social. Disponível em: <https://bsky.app/profile/mikaacruz.bsky.social/post/3l4fecsexfc2z>. Acesso em: 21 set 2024.

NECA. *To na sua mais do q você tá na minha*. 08 set. 2024. Bluesky: @nenequinha.bsky.social. Disponível em: <https://bsky.app/profile/nenequinha.bsky.social/post/3l3mokefmio2m>. Acesso em: 21 set 2024.

NIKI. *daqui uma hora tô na minha casinha*. 20 set. 2024. Bluesky: @minjigr1.bsky.social. Disponível em: <https://bsky.app/profile/minjigr1.bsky.social/post/3l4lwlsi2hy2e>. Acesso em: 21 set 2024.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Sintaxe do português em perspectiva construcional: propriedades e desafios. *Revista do GEL*. Campinas, v. 48, n. 1, p. 465-483, 2019.

PENHA, I. *Se eu a vejo dois dias seguidos eu sei que vou querer casar com ela... Eu tô na dela há tanto tempo*. 13 set. 2024. Bluesky: @dapenha.bsky.social. Disponível em: <https://bsky.app/profile/dapenha.bsky.social/post/3l435gdr7te2y>. Acesso em: 21 set 2024.

RIKKI. *hj trocamos olhares, acho que ele tá na minha*. 18 set. 2024. Bluesky: @henrikki.bsky.social. Disponível em: <https://bsky.app/profile/henrikki.bsky.social/post/3l4hywkkkby2m>. Acesso em: 21 set 2024.

ROBINHO. *Um crush da academia veio me pedir uma barra, acho que ele tá na minha...* 16 set. 2024. Bluesky: @robsondiasv.bsky.social. Disponível em: <https://bsky.app/profile/robsondiasv.bsky.social/post/3l4cqmpw6oy2n>. Acesso em: 21 set 2024.

ROSÁRIO, Ivo Costa do (Org.). *Introdução à Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação*. Niterói, Eduff, 2022.

ROSÁRIO, Ivo Costa do; LOPES, Monclar Guimarães. Metodologia da pesquisa sincrônica. In: ROSÁRIO, Ivo Costa do (Org.). *Metodologia da pesquisa funcionalista*. Porto Velho, Edufro, 2023, p. 37-56.

ROSÁRIO, Ivo Costa do; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa Revista de Linguística*, v. 60, n. 2, p. 233-259, 2016.

THIAGO. *Vou te mandar o papo reto, parça! Cada um faz o que quer, Tlg? Ouve O Que quer, tlg? Eu to na minha, sem crítica, somente na caminhada ...* 20 set. 2024. Bluesky: @hezbollahamas.bsky.social. Disponível em:

<https://bsky.app/profile/charlygarciatesudo.bsky.social/post/3l4lqxfojqc2m>.
Acesso em: 21 set 2024.

TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. O modelo teórico. In: TRAUGOTT, Elizabeth; TROUSDALE, Graeme. *Construcionalização e mudanças construcionais*. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, Vozes, p. 25-93, 2021.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

WITH, N. P. *Eu não sei pq o pessoal fica debochando dela sendo que ela tá na dela fazendo o que gosta sério nunca entendi*. 06 set. 2024. Bluesky: Neva play with. Disponível em:
<https://bsky.app/profile/did:plc:gbnbajx6twmdi7kbn6tyocnh/post/3l3jknygv42y>. Acesso em: 21 set 2024.

[Artigo recebido em 23 de outubro de 2025 e aceito em 18 de maio de 2026.]
DOI: 10.22456/2236-6385.151147